

Educação e memória: Que história queremos contar a nossas crianças?

Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino ¹

Resumen:

Neste trabalho, temos como objetivo pensar a questão da educação da memória, de como podemos assumir o relato do passado, o testemunho de momentos vividos em nosso país, durante o período da ditadura militar, no contexto da educação de crianças pequenas. Educar crianças é nossa tarefa, como adultos que nos responsabilizamos por inserir novas gerações no mundo das relações sociais, em contextos institucionais do espaço público. Esta é uma tarefa complexa, não só pela dificuldade incontestada implícita em seu desenvolvimento, como pelo fato de ela significar a possibilidade de continuarmos a viver na ‘pele’ de nossos descendentes. Dessa forma, a decisão de como vamos educar nossas crianças ganha o sentido de como queremos que a experiência humana se prolongue na história, ou de qual futuro desenhamos para a humanidade. Projetar o futuro pela tessitura do presente, a partir da reconstrução da memória de nosso passado, negando a visão realista de tomar os fatos como se tivessem uma essência verdadeira, mas considerando-se que contar o passado é interpretar, é fazer escolhas, é se colocar em uma perspectiva que traça os limites éticos e políticos de nossa ação. A partir dessas considerações, destacamos algumas perguntas que vão nortear nossa reflexão: Como concebemos a relação adulto/criança no processo educacional? Qual compromisso nós, adultos, queremos ter com nossas crianças, em relação à memória do período ditatorial que marcou significativamente nosso país? Como reconstruir com nossas crianças essa memória? Qual o fio que queremos puxar para desenrolar esta meada de significados e sentidos? Desde já, elegemos os Direitos Humanos como este fio com que possamos tecer a história que queremos contar a nossas crianças. Nossa metodologia de trabalho constará de uma proposta de articulação ao cotidiano escolar e ao processo de ensino-aprendizagem a experiência de relações que possibilitem o exercício da cidadania e dos direitos humanos, ressaltando o respeito à diversidade. Neste contexto preche de uma ética democrática vivenciada, serão propostos espaços e momentos que valorizem o resgate de memórias e situações que apontem para a desigualdade, a exclusão, a proibição autoritária e para a valorização de práticas e idéias que tenham colaborado e ainda são importantes para sua superação. Experimentar relações pautadas pelo respeito aos direitos humanos nos parece a melhor maneira de se reconstruir com as crianças a memória da história de nosso país, criando-se, dessa forma, as possibilidades de superação de idéias e práticas que não queremos que se repitam no futuro.

Palavras-chave: educação de crianças; relação adulto/criança; memória; ditadura militar; superação; cidadania; direitos humanos.

¹ Universidade de Brasília/Instituto de Psicologia/Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento luciahelena.pulino@gmail.com

Educação e memória: Que história queremos contar a nossas crianças?

Introdução

Em 31 de agosto de 2010, por iniciativa de deputados da Bancada do Partido dos Trabalhadores (PT), a Sessão Plenária da Câmara Legislativa do Distrito Federal transformou-se em Comissão Geral, da qual fiz parte. O objetivo foi debater soluções para a regularização definitiva da Associação Pró-educação Vivendo e Aprendendo, bem como encaminhar o registro da proposta pedagógica da escola no Patrimônio Imaterial do Distrito Federal. (Pulino, 2010b)

Foi uma sessão atípica: adultos e crianças adentraram o plenário e a galeria da Assembléia Legislativa do Distrito Federal, carregando cartazes e proferindo palavras de ordem, pedindo o registro da proposta pedagógica da Associação Pró-Educação “Vivendo e Aprendendo” como patrimônio imaterial do Distrito Federal.

Os registros da sessão dão conta da presença na Comissão Geral, do ministro da Cultura, Juca Ferreira — pai de aluno da instituição —, que defendeu a regularização da concessão de uso do terreno pela Associação. “A escola não pode ser tomada como um estorvo, ela é um patrimônio. (...) “Não se justifica dar um tratamento discriminatório para uma iniciativa sem fins lucrativos. A escola merece todo o carinho da sociedade”. Acrescentou que se tiver que ser feita a transferência dela para outro lugar, isso tem que ser feito da melhor maneira possível, sem prejudicar suas atividades.

Para a ex-governadora, Arlete Sampaio (PT), também presente à sessão, autora da Lei nº 3.977/2007 – que institui o registro de bens culturais que constituem patrimônio artístico, cultural e histórico do Distrito Federal – é fundamental continuar a luta para assegurar o reconhecimento público do projeto pedagógico da Vivendo. “Podem contar com minha total adesão a esta luta”.

As palavras da deputada Érika Kokay, foram entusiasmadas e cheias de convicção: “Queremos a manutenção da Vivendo. A escola é um contraponto ao modelo pedagógico vigente e precisa se considerada patrimônio imaterial do DF. É por isso que estamos aqui, para buscar agilizar este processo”.

Também participaram da Comissão Geral, o presidente da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, Rodrigo Koblitz; o Diretor de Estudos e Políticas Sociais do IPEA, Jorge Abrahão de Castro; uma representante da Associação

Antroposófica Moara; o ex-aluno da Vivendo e Aprendendo e estudante de História da UnB, Diogo de Lima e eu mesma, professora de Psicologia da Universidade de Brasília e ex-psicóloga e ex-coordenadora da Vivendo e Aprendendo, Lúcia Helena Pulino. O senador Cristóvam Buarque esteve presente e contou uma história às crianças e adultos presentes, ressaltando a importância da educação e de uma escola como a Vivendo e Aprendendo.

Como encaminhamentos, foram propostos a produção de um relatório com a sistematização da discussão – que deverá ser enviado ao Ministério Público do Distrito Federal e Territórios, ao Governo do Distrito Federal e ao Tribunal de Justiça do DF – e a construção de uma agenda com o Governador e o Secretário de Educação do Distrito Federal, visando buscar soluções para a questão.

Mas, o que justifica que se tenha constituído uma Comissão Geral para discutir a questão da regularização de funcionamento da Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo no local que tem ocupado desde 1982, quando foi criada? Porque se incluiu na pauta a definição do registro da Proposta Pedagógica da Vivendo e Aprendendo como Patrimônio Imaterial do DF, no contexto da Lei nº 3.977/2007?

O Patrimônio Cultural Imaterial do DF inclui a tradição oral dos candangos e dos habitantes que já moravam na região antes da construção da capital. Inclui também os costumes, os cultos, as festas tradicionais, as crenças, a culinária, as brincadeiras, enfim, o projeto humano, cultural e pedagógico que tem forjado o modo de vida brasiliense. Fazem parte do Patrimônio Imaterial o Clube do Choro, a Escola de Samba da Aruc, o rock de Brasília dos anos 80, o Festival de Cinema de Brasília, o Boi do Seu Teodoro, o Patrimônio Pedagógico de Anísio Teixeira, dentre outros.

Por que seria registrada como Patrimônio Imaterial do DF a proposta pedagógica da Vivendo e Aprendendo? O que ela tem de especial, que mereça ser preservada? O que justifica que tenha sido considerada a possibilidade de ela fazer parte da herança cultural do Distrito Federal?

Vamos apresentar a história desta Associação que, por si só, vai poder nos oferecer um quadro compreensivo capaz de justificar que tenha havido uma sessão solene da Câmara Legislativa, com a instalação de uma Comissão Especial para acolher e julgar o pedido de inclusão de sua proposta pedagógica como Patrimônio Imaterial do Distrito Federal.

Mais do que isso, a história que vamos contar justifica a ocorrência dessa verdadeira manifestação de cidadania que se deu na sede da Câmara Legislativa:

crianças e adultos exercendo seus direitos de participação e de reivindicação, de maneira criativa e marcante.

A História da Vivendo e Aprendendo

A Associação pró-educação Vivendo e Aprendendo, que atende 130 crianças de dois a cinco, seis anos, tem como princípio ético a promoção da igualdade entre as pessoas, o respeito à singularidade de cada uma e o direito à participação ativa de todas no seu processo educacional. Foi pensada e iniciada como Associação, em 1981, por um grupo de pessoas, pais e mães de crianças pequenas, que, durante a ditadura militar, preocupadas com a realidade da educação brasileira, passaram a se reunir para pensarem juntos sobre essa questão.

A partir de suas reflexões, ressaltaram os seguintes pontos:

ausência ou limitação da participação dos pais na educação escolar; isolamento da escola em relação à comunidade; grande dimensão do sistema educacional, o que implica em padronização, dificultando soluções inovadoras; aplicação desordenada de recursos públicos, limitando a qualidade da educação escolar; tendência da iniciativa particular de usar as escolas como empresas com finalidade lucrativa, sobrepondo-se às educacionais. (Escrevendo e Aprendendo, 1982/1999,p.7)

A escola foi criada em 1982. Na época, funcionou em um galpão do Centro de Educação Física da Igreja Messiânica, então mantenedora do Clube de Vizinhança da Asa Norte. A partir de 1986, o Clube passou a ser gerido por seus associados e obteve a cessão de uso do terreno. Desde essa época, a escola começou a enfrentar problemas relativos à ocupação do terreno. Já teve alvará de funcionamento e concessão, mas nunca chegou a ter segurança sobre o direito de estar nos fundos do Clube de Vizinhança da Asa Norte.

Em 1994, chegou a ser promulgado Projeto de Lei na Câmara Legislativa do Distrito Federal para a manutenção da escola na área, mediante “concessão de uso”. Dois anos depois, durante o Governo Cristovam Buarque, a Administração autorizou a emissão de dois alvarás de funcionamento, em caráter precário, para as partes, enquanto estudava uma solução definitiva para a demanda. Essa situação se manteve até o fim do Governo, em 1998.

Depois de receber um auto de interdição e ter se mobilizado na direção de resolver essa questão, no último dia 21 de julho, a Primeira Vara da Fazenda Pública do DF deferiu o pedido de tutela da Vivendo e Aprendendo, suspendendo o auto de interdição até que seja fornecida licença à escola, ou, no caso de indeferimento do pedido, até que o ano letivo seja encerrado.

Ainda que nessa insegurança, tem estado, há 30 anos, funcionando, educando crianças, proporcionando a seus pais e mães, a professores e funcionários, a oportunidade de participarem de uma experiência ímpar de auto-gestão democrática.

A Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo foi registrada, em outubro de 1982, como uma sociedade civil, sem fins lucrativos, já que esse formato da entidade garantia o acesso, a participação e a decisão igualitária e democrática de todas as pessoas interessadas na experiência. □

A criação de um espaço de educação sem dono, ou com todos sendo seus donos, contemplava a concepção de um espaço democrático de formação de pessoas, a partir de uma tenra idade, e de encontro de pessoas que comungassem idéias e se envolvessem em estudos e reuniões deliberativas sobre os rumos da própria Associação. □

O Centro de Vivência, outra instância compreendida na Associação, foi pensado para desenvolver trabalhos artísticos (música, teatro, artes plásticas, dança), de recreação e de convivência livre (grupos de estudo, seminários, mostra de filmes, etc □), voltados para crianças, jovens e adultos. □

A estrutura administrativa da Associação teve, desde o início, como instância soberana a Assembléia Geral de todos os associados, uma Diretoria Executiva (presidente, vice-presidente, secretário-geral, 2o secretário, tesoureiro e 2º tesoureiro) eleita anualmente, composta por associados (pais, funcionários e professores), para gerir a Pré-Escola e o Centro de Vivência. Também foram criados um Conselho Fiscal e um Conselho Pedagógico, com associados das três instâncias.

Ao longo de 30 anos, a Vivendo e Aprendendo tem se mostrado dinâmica e aberta a propostas que, discutidas em Assembléia, têm possibilitado o aprimoramento de sua estrutura administrativa. □ Com o aumento de alunos, a comunidade teve que se reorganizar para dar conta das demandas da Associação. □ Foram criadas comissões de trabalho, compostas de pais, funcionários e professores: a Comissão de Espaço Físico, que cuida da construção e manutenção das salas e do parque; a Comissão de Higiene e Saúde, responsável pela orientação da equipe de limpeza e

pelas campanhas para o controle de piolhos e de vacinação, por exemplo; a Comissão de Eventos, que coordena as atividades festivas e comemorativas da escola; a Comissão de Comunicação, que edita o jornalzinho da Associação, o *Pequenas Notas*, e prepara o material para a divulgação externa do trabalho da Vivendo e Aprendendo. □

Há, algumas vezes, o estabelecimento de comissões de caráter eventual, dependendo da necessidade da comunidade □ Quando os pais matriculam seus filhos na escola, tornam-se associados da Vivendo e se envolvem, na medida de sua disponibilidade, nas Comissões de Trabalho.

Cada associado dentro de suas possibilidades e preferências, dedica parte seu tempo à escola. Isso aprofunda os laços entre todos e aperfeiçoa as práticas e ideias da Vivendo e Aprendendo. □

Vivendo e Aprendendo a singularidade em comunidade

Desde o início, quando funcionavam duas turmas num galpão, separadas por um varal, as pessoas envolvidas com a concepção e o processo educacional da Vivendo compreendem que “a forma como se organiza o cotidiano da escola deve ser compatível com seus princípios filosóficos” (Pulino, 2001a). A estrutura administrativa, que tem a Assembléia Geral de todos os associados como instância máxima de deliberação, compreende, ainda, a diretoria, Conselhos e comissões de trabalho, compostos por pais, mães, professores e funcionários. Esse desenho de gestão democrática e a práxis pedagógica são interdependentes, como veremos abaixo. Só é possível uma vivência pedagógica que respeite cada uma e todas as crianças, numa estrutura administrativo-comunitária que abranja todas e cada uma das pessoas que participam da escola. Todas as pessoas se tornam associadas quando matriculam seus filhos na escola e passam a participar das instâncias administrativas e pedagógicas.

A vivência pedagógica, em sala de aula e no quintal, tem consolidado uma rotina de atividades em que não se dicotomiza trabalho/lazer, atividade manual/intelectual, vivência individual/coletiva, associação/escola. Valorizam-se questões administrativas e pedagógicas. A questão da queda de abacates sobre os telhados das salas e sua conseqüente avaria é tratada com a mesma consideração que uma experiência pedagógica em leitura ou cálculo: todos os que participam de sua

discussão se comprometem com ela. Pais e mães, professores e funcionários, discutem com as crianças qual a melhor forma de se resolver o problema, antes de se chamar a Defesa Civil – se cortar parte do abacateiro, ou se colher os frutos com o uso de uma rede antes que amadureçam e caiam. Combinam como consertar ou substituir as telhas, com a colaboração de todos.

Em situações de reformas, reparos, renovação do acervo de livros ou de brinquedos, organizam-se Mutirões nos finais de semana: o Chá de Livros, a Oficina de Brinquedos, o Mutirão de pintura do parque. Esses são momentos preciosos de encontro, que fortalecem os laços de cooperação e os vínculos comunitários da Associação. As crianças e os pais, mães, funcionários e professores vão vivendo e aprendendo a vida comunitária.

Mas, não se estaria com isso reinventando a roda? Se já temos mecanismos administrativos e pedagógicos que dão conta de fazer funcionar uma escola sem que tenhamos que mobilizar pessoas, sem nos desgastarmos, para que fazemos tudo isso artesanalmente? Seria isso perda de tempo? Não! Absolutamente. Este tipo de tempo não se perde – o tempo do encontro, da cooperação, dos combinados, da solidariedade, da abertura para novas ideias e práticas, do prazer de se fazer parte de uma comunidade que não tem donos ou de que todos/as são donos.

Reinventar a roda, sim! É isso que se faz na Vivendo e Aprendendo, e Vivendo e Aprendendo e vivendo... Revive-se, valorizando a herança do passado que se escolhe, ressignificando-a para o contexto da Associação. Um movimento que nos convida não à competição, à pressa, à imitação, mas ao desfrute, ao aprendizado, à criação, no ritmo de cada um e de todos/as. E avós, tios, amigos, participam desse processo, contando para as crianças como as brincadeiras, os brinquedos, o cinema, os livros, a escola, eram na sua época.

Essa vivência em comunidade, com respeito à singularidade do processo de desenvolvimento de cada pessoa criança ou adulta, em sua dimensão concreta, histórico-cultural, relacional (Vygotsky, 1991), experienciada na Associação muito antes da Constituição Cidadã de 1988 e da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira de 1996, que iriam instituir as formas democráticas de participação na sociedade e na educação, mostram o pioneirismo da Vivendo e Aprendendo, em termos de gestão e pedagogia.

Administração e Pedagogia: as duas faces de uma mesma moeda

Desde sua concepção, a Associação foi pensada de uma maneira global, compreendendo-se que a forma como se organiza o cotidiano da escola deve ser compatível com os princípios filosóficos que a alicerçam, assim como deve ter identidade com a com preensão e a prática de educação que ela assume.

A Vivendo e Aprendendo é um lugar de educação de crianças e adultos. Os pais e professores, que fazemos ou fizemos parte dela, nos transformamos. Vivemos momentos difíceis de conflitos, dúvidas e dificuldades, revendo valores arraigados em nós por uma formação competitiva e individualista, aprendendo a compartilhar um cotidiano de trabalho e de prazer. Desde seu início, estudando teorias psicológicas e educacionais, especialmente de Lev Vygotsky, Jean Piaget, Henri Wallon e Sigmund Freud, Paulo Freire, e se apropriando delas de uma forma crítica e criativa, a Vivendo e Aprendendo tornou-se um referencial teórico-prático em educação infantil em Brasília, recebendo, semestralmente estudantes de pesquisa e estagiários das áreas de educação, psicologia, antropologia, sociologia, comunicações, dentre outras, da UnB e de outras instituições de ensino universitário da cidade. A imprensa local, escrita, falada e televisiva, tem visitado a escola e publicado matérias sobre o tipo de trabalho que lá se desenvolve. Concebida como uma escola infantil de pais e professores, a Vivendo e Aprendendo, organizada em turmas de 16 alunos coordenadas por dois professores, conta com a participação dos pais na rotina de trabalho com as crianças, agendando com eles atividades como: contar histórias, coordenar a atividade culinária, colaborar em pesquisas, propor jogos, brincadeiras ou atividades de artes e ajudar em passeios ao zoológico, parques, museus e exposições. Além disso, as famílias recebem a visita anual das crianças da turma de seus filhos e, podem, espontaneamente, passar o dia na escola, ajudando as coordenadoras, ou em trabalho das comissões de que fazem parte.

Na admissão da criança, há um período de adaptação: as crianças que entram, bebês ainda, na escola, são acompanhadas pela mãe, pai, avó ou babá, que fica em sala até a criança se vincular aos professores (que são, sempre que possível, um homem e uma mulher por sala); depois, fica em algum ponto da escola fora de sala, até que a criança se sinta segura para se despedir dela ou dele, o tempo que for necessário, ou possível aos adultos, para a adaptação da criança. Os pais, eles mesmos, passam por um período de adaptação, em que vivenciam, ainda sem compreender, o dia-a-dia da escola, assumem tarefas das comissões, participam da

rotina da sala de aula, conhecem outros pais, num processo de introdução na vida associativa que respeita seu próprio ritmo. □

A rotina das turmas compreende uma atividade de concentração, seguida de uma de expansão, e o espaço físico da escola é propício para isso: as salas são casinhas individuais, cada uma pintada de uma cor, separadas por jardins com: árvores frutíferas, horta, parque, uma pracinha central, um grande gramado e um galpão. □ As turmas se encontram no parque e fazem, às sextas-feiras, um lanche coletivo e uma atividade vertical, comum a todas (e proposta por uma das salas, a cada semana), como um ritual, uma festa que comemora a semana de trabalho. □ A educação das crianças na Vivendo e Aprendendo fundamenta-se na concepção da criança e do ser humano em geral, como o ser da incompletude e da busca, que se constitui num processo de tornar-se, cuja existência é marcada por conflitos e contradições, e se realiza no social, nas relações com as outras pessoas, e cuja identidade se forma em oposição ao outro, desenhada com os contornos da cultura em que ela vive e, ao mesmo tempo, marcada por uma forma original de ser e viver.

Essa maneira de pensar sobre a criança faz da Vivendo e Aprendendo uma escola diferente das outras. □ As crianças não são reprimidas em suas expressões de agressividade, nem se definem suas formas de expressão artística. □ "Cada um tem seu jeito" é uma idéia presente no cotidiano da escola. E todos e cada um devem respeitar o jeito dos outros serem e viverem. □

Com relação à construção da moralidade e da autonomia, as turmas elaboram seus combinados para dar conta do estabelecimento dos limites e das possibilidades de relações entre as crianças, delas com os adultos e com o ambiente; desde a entrada da criança na escola, ela ouve o professor dizer "eu não gostei!", sempre que ela tira o brinquedo de outra criança, bate no colega ou joga um brinquedo no chão, por exemplo. □ Aos poucos, a criança vai observando que a atitude do professor não é só em relação a ela, mas com todos os que fazem aquele tipo de coisa, e vai assumindo, ela mesma, essa reação e a expressão "eu não gostei", em situações em que é lesada por algum colega, ou ao ver alguém fazendo algo que julgue inadequado. □

É muito comum se ouvir, na escola, o "não gostei!" (ou "não dotei!", quando ainda não articulam bem as palavras) como uma das primeiras manifestações verbais da criança de 2 anos. □ O professor, então, faz a mediação dos conflitos entre as crianças e vai sintetizando sua avaliação de situações em pequenas regras, os combinados. □ Esses combinados vão sendo resgatados a cada situação de conflito que

os desrespeitem, quando o professor relaciona a ação transgressora com a regra, ou o combinado. □ Aos 3 anos, aproximadamente, a criança já começa a se opor às outras, a distinguir-se, e o professor a encoraja a se colocar no lugar do outro: "Alguém já bateu em você? Doeu? Então, nele também dói" □ Nas turmas de crianças mais velhas, este processo é feito por elas mesmas, que julgam a situação, com a mediação do professor nas suas discussões, recuperando as situações e ajudando-as a analisá-las □ O "não gostei!" vai sendo, assim, incrementado por análises da situação em toda a sua complexidade. □ Não se encoraja a atitude de revanche, mas a conversa, com o posicionamento das duas crianças e a mediação do professor. □ Tendo este tipo de vivência, a criança vai internalizando formas de lidar com situações de conflito, baseadas nas noções de respeito e justiça, e se tornando mais autônoma para superá-las. □

O trabalho nas várias áreas do conhecimento, nas expressões artísticas e corporais, é proposto em consonância com os interesses típicos do momento de desenvolvimento das crianças, respeitando as motivações expressas no grupo, sendo voltado para colocá-las em contato com as concepções, formas de organização e produções construídas historicamente e socialmente, num processo para torná-las contemporâneas de sua época □ Ao mesmo tempo, o trabalho é realizado num ambiente lúdico, propiciando a participação de cada criança e a colaboração mútua, valorizando as formas criativas de cada uma se colocar nas situações, "do seu jeito", e colhendo as suas hipóteses, intuitivas ou fantásticas, sobre os assuntos a serem abordados, para depois orientar pesquisas, baseadas nessas hipóteses. □

Ser uma criança da Vivendo e Aprendendo, uma/um "vivendinha/o", como se costuma dizer, é ter a oportunidade de ser uma criança participativa, criativa, que conhece as brincadeiras tradicionais e as atuais, que pode tomar posição nos conflitos e tentar resolvê-los conversando, que chama o professor pelo nome, que sobe em árvores, que organiza a própria sala com o professor e os colegas, que é encorajada a brincar "com os brinquedos da moda" de maneira crítica e criativa. □

A Vivendo e Aprendendo, portanto, é um espaço de educação de crianças e adultos, pois estes têm a oportunidade de conhecer os princípios e as teorias que sustentam a educação de seus filhos, além de participar do cotidiano da escola □ E, o mais importante, têm o direito de questionar tudo isso e de fazer propostas, que serão ouvidas e discutidas. □

O que sustenta, afinal, essa experiência, que se mantém durante todos esses

anos, aprimorando-se e expandindo-se?

Certamente, é a harmonia entre a forma como a Associação foi concebida, os princípios que assumiu e a maneira como se viabiliza administrativa e pedagogicamente. □ A Associação não atua no sentido de responder a uma demanda do mercado, mas faz propostas calcadas em sua concepção de educação e de ser humano. □

A forma de gestão democrática e a prática pedagógica se legitimam mutuamente: na Vivendo e Aprendendo, educa-se a criança em ambiente sustentado por uma estrutura democrática e participativa, por meio de práticas que valorizam o respeito aos direitos de crianças e adultos e a participação de todos, dando voz a seus associados e, especialmente, às crianças. □

A Vivendo e Aprendendo, a criança e a condição de infância

Como a Vivendo e Aprendendo concebe a criança?

A criança é vista, na Vivendo e Aprendendo, como um ser vivendo na infância, no início da vida. A infância é vista como condição da experiência humana, a condição do começo, do nascimento. Como uma condição histórica, cultural e social (Áries, 1981).

No artigo “Acolher a criança, educar a criança: uma reflexão (Pulino, 2001b), apresento uma compreensão da condição da criança que pode traduzir a concepção de criança da Vivendo e Aprendendo. Apresento, aqui, alguns elementos presentes no referido artigo.

Antes de uma criança nascer, ela é um ser que já estava sendo concebido em uma sociedade, em uma cultura, num determinado momento histórico. Ela já ganha uma identidade previamente construída, por uma promessa social, econômica, cultural e histórica (a criança possível de nascer no século XXI, na cultura ocidental, na sociedade e cultura brasileiras, numa determinada classe social). Também tem, já, sua identidade desenhada por um projeto traçado e cultivado durante 9 meses, marcado pelo desejo e pelas condições dos pais, que lhe preparam uma placenta social, afetiva e simbólica, e o ambiente material para a sua chegada.

Quando a criança, o ser humano, nasce, para além dessas determinações, ela surge como uma novidade radical, um ser original (Arendt, 1987, Larrosa, 2000, Pulino, 2001b, Pulino, 2009). E essas duas dimensões – a de determinação e a de

novidade, aberta a possibilidades – dialogam e convivem a vida toda, numa identidade que se constrói num devir, num tornar-se com o outro, e como auto-criação, de um ser que nasce e renasce na história, e, em sua finitude, cria o infinito.

Esta é a criança que chega à escola: aquela já esperada, no que tem de previsível e determinada em múltiplas dimensões, e a criança como novidade, que nos surpreende em sua originalidade.

As escolas, tradicionalmente, têm recebido e educado a criança como um mesmo, a criança já conhecida. Conseguem ver a criança apenas como pré-determinada, como um ainda-não, a que a educação deve completar, educando-a para se adaptar, para se tornar um adulto bem sucedido. A criança como novidade, não tem sido vista, recebida, educada pelos educadores.

Pois bem: a Vivendo e Aprendendo nasceu e continua a existir aberta ao acolhimento da criança não só como uma de nós, como filha de um tempo histórico, de um lugar cultural e social, de uma família. A Vivendo e Aprendendo acolhe também, e em especial, a criança em sua novidade, em sua diferença, originalidade, no seu aqui-e-agora e no seu devir criativo.

Neste sentido, considero a Vivendo e Aprendendo um tempo/lugar de infância, de começo, um nicho de criação, de movimento. E quando digo um tempo/lugar, de infância, refiro-me não apenas a um tempo/lugar de crianças, mas a um tempo/lugar de experiência do humano – criança, jovem, adulto, idoso – que vive na condição de infância, de criação, de tornar-se, de olhar o mundo como se fosse pela primeira vez, de perguntar, muito mais do que responder. (Pulino, 2008)

A Vivendo e Aprendendo vive o tempo como Aion - o tempo que Heráclito (fragmento 52) define como o tempo da eternidade, da brincadeira, do jogo, o “tempo da criança criando” (Costa, 2002; Pulino, 2008 e Pulino, 2009), como ressaltei no discurso que proferi na Câmara Legislativa do DF, na Comissão Geral:

Entrar em seu quintal e em suas casas-salas coloridas é habitar um mundo que transita entre a experiência da realidade e a experiência da fantasia. Um mundo que, sem descuidar da força do tempo como Chronos (o tempo medido) ou como Kairós (o tempo da oportunidade), e do lugar “escola”, brinca com essas temporalidades do educar, na dimensão de Aion – a rotina, o entra-e-sai das salas-casas para o quintal, expansão/concentração; o mundo visto do sobe-e-desce, desde o topo das árvores a debaixo das mesas; a fruição/produção de obras de arte, pintura, escrita, faz-de-conta. (Pulino, 2010b)

Uma escola em que cada um é respeitado em sua singularidade (Cada um é de um jeito”), forjada nas relações socio-afetivas e, por isso mesmo, comprometido com as decisões coletivas, de que participa. Uma comunidade escolar em que todos são iguais em direitos e diferentes de fato. Os heróis de filmes, desenhos animados e histórias infantis são virados do avesso pelas/os `vivendinhas/os`, que os recriam a seu gosto, dando um golpe na pretensão de homogeneização da sociedade de consumo!

Compreendendo que o encontro, o relacionamento entre as crianças, pode incluir trombadas, sorrisos, carícias, tapas, choro, os educadores têm se perguntado “como permitir que se encontrem, brinquem, sem bloquear a expressão de cada criança, e sem, também, estimular o egocentrismo e a agressão, em detrimento da orientação para o respeito mútuo?” (Pulino, 1999).

A perspectiva ético-política da Associação, em que comparecem o coletivo e o singular, respeita os combinados feitos pelos adultos em Assembléias e pelas crianças no cotidiano da sala de aula. Essa experiência, juntamente com os estudos de psicologia e educação levaram os associados, todos eles educadores – mães, pais, professores, funcionários da secretaria, da limpeza, da manutenção – e as crianças (que educam a nós, os adultos, numa relação de cooperação) a assumirmos o *Eu Não Gostei!!!* como o limite, construído na feitura de uma trama cotidiana com fios do poder-de-cada-um-e-de-todos. Aí, com o ‘não gostei’, o não quero’, desencadeia-se o processo de resgate de nossos combinados, de nossas regras, em que se preservam a delicadeza das vicissitudes individuais e o respeito à palavra firmada. No referido discurso, resalto:

Está com, sentir as dores e ouvir as razões do outro, e, ao mesmo tempo, experienciar as matizes de singularidades que “esperneiam” de raiva e explodem de alegria. Todos, e cada um, crianças, mães e pais, funcionários e professores, todos educando e sendo educados. (Pulino, 2010b)

Vivendo e Aprendendo, educação, memória e direitos humanos

Que herança é essa que a Vivendo e Aprendendo tem deixado para Brasília, para o Distrito Federal? (Pulino, 2010a)

Ela deixa um legado de vida, de cuidado de si e do outro. (Foucault, 2006; Pulino, 2010c). De um estilo de vida com dignidade, respeito ao outro, aos direitos humanos, às diferenças culturais, étnicas, sociais, de gênero, às ideias, às maneiras de ser e de se tornar membro de um coletivo.

Deixa como herança, como patrimônio, o exemplo de um processo educacional que se cria e se transforma no espaço de um quintal cheio de árvores, rico em sua simplicidade, acolhedor em suas possibilidades e carências.

Deixa como herança cidadãos que se iniciam ou já se consolidam em suas carreiras como historiadores, filósofos, antropólogos, professores, psicólogos, médicos, artistas, diplomatas, advogados, economistas, dentistas, educadores, dentre outras.

Deixa como herança as novas gerações, de filhas/os e netas/os de ex-associadas/os e até de ex-alunas/os.

Deixa como herança uma relação íntima com a Universidade de Brasília, que se inspira na Vivendo e Aprendendo e elabora trabalhos de doutorado, mestrado, pesquisa e estágio. Também acolhe seus estudantes e os de outras universidades, ávidos por conhecer a escola e verificar que ‘na prática a teoria pode ser melhor, porque pode ser parecida com quem participa dela e a recria’.

Deixa como herança a esperança de se promover um diálogo cooperativo entre seu processo de gestão e pedagogia e a experiência das escolas públicas do Distrito Federal e do Brasil.

Deixa como herança muitos escritos de cunhos acadêmico e/ou afetivo sobre sua prática-teórica, que correm mundo e fazem adeptos apaixonados.

Deixa como herança cidadãos conscientes e, especialmente, felizes, ex (e para sempre) - vivendinhas e vivendinhos’, que viveram a experiência de poder dizer “Eu não gostei!”, de subir em árvores, de correr em chão de terra, de dividir seu lanche ou trocá-lo com o do colega, de participar de assembleias, de se sujar com tinta, de desenhar e escrever ‘do seu jeito’, de chorar em público, de mostrar o que descobriu, de ouvir o outro, de inventar e viver outros mundos, de pedir ajuda, de viver conflitos e tentar resolvê-los, de poder dizer, como Diogo afirmou na Comissão Geral, na Sessão da Câmara Legislativa mencionada acima: “A Vivendo e Aprendendo foi a experiência mais importante de minha vida!” (Pulino, 2010b)

Deixa como herança-em-processo a experiência de cada uma das crianças e das pessoas que convivem em seu quintal a cada ano e que espalham pelo Distrito Federal esse ‘jeito vivendo e aprendendo’ de viver e aprender.

Deixa como herança este tempo/lugar que nos ajuda a viver na condição de infância, de abertura, de busca. A experienciar a vida e o trabalho assumindo que o saber e o amor são, ambos, o reconhecimento, socrático, de nossa ignorância e incompletude, que nos movem em direção a nós mesmos e ao outro.

Certamente, Brasília vai ser grata por receber esta herança.

Esta é a história que queremos contar para nossas crianças, na Vivendo e Aprendendo. Uma história que contamos não só às crianças, mas a suas mães, seus pais, irmãos/os, primas/os tias/os, avós. Uma história viva, vivida, revivida em cada gesto de cooperação, em cada palavra, convite, em cada festa, em cada mutirão de limpeza, nos combinados, nos conflitos seguidos do “Não Gostei” e do “Vamos conversar?” em cada Assembléia Geral, na entrada de cada nova e novo educador/a, de novas/os vivendinhas/os, que, com suas famílias, vão se inserir na comunidade, assumir seus lugares na Vivendo, vão tomar decisões, vão se exercer no processo democrático do cotidiano, vão inventar novas maneiras de tornar a escola-quintal um o espaço/tempo de respeito, de amor, de criação, de vida.

Uma história vivida e escrita por todas as pessoas – crianças e adultos – que conviveram e convivem na Vivendo e Aprendendo, esta comunidade auto-gerida em que, os associados, para além de se educarem para os direitos humanos, educam-se construindo e vivendo seus direitos, o que caracteriza seu trabalho de uma educação processual em e para os direitos humanos. As crianças não só são educadas para se tornarem cidadãos respeitosos dos direitos humanos, mas já vivem e convivem na Vivendo como cidadãos já no exercício e na construção do respeito mútuo.

Ao contarmos e recontarmos a história da Associação pró-educação Vivendo e Aprendendo a cada pessoa – crianças e não crianças – que chegam e convivem na escola, estamos resgatando a memória da luta contra a ditadura, a memória da vitória da palavra contra a mordação, a vitória do amor contra o ódio, a vitória da alegria e da liberdade contra a repressão.

Cada vez que vivemos e revivemos em comunidade, democraticamente, respeitando os Direitos Humanos, reconhecendo que o tornar-se cidadão é um processo a ser vivido no cotidiano - guiados pelo compromisso da igualdade, do compartilhamento, do enfrentamento do conflito com o aprendizado do livre uso da

palavra, sendo transparentes na expressão de nossos desejos, dúvidas e propostas, na escuta do outro e no cuidado mútuo.

Na Vivendo e Aprendendo estamos contando a história de superação, não só no campo educacional, em que nós educadores criamos e vimos mantendo uma escola alternativa auto-gerida e democrática, mas a história da democratização do país, que tem como principal marca simbólica a eleição livre de um ex-operário como presidente, e de uma ex-guerilheira, a atual presidenta do Brasil.

Referências Bibliográficas

- ARENDDT, Hannah. A Condição Humana. R. J.: Forense Universitária, 1987.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. R. J.: Guanabara, 1981.
- COSTA, Alexandre *Heráclito*: Fragmentos Contextualizados. R.J. : Difel, 2002.
- ESCREVENDO E APRENDENDO. *Revista*. Ano I, No. 1. Brasília: Associação Pró-Educação Vivendo e Aprendendo, 1999.
- FOUCAULT, Michel. A Hermenêutica do sujeito. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

- PULINO, Lúcia H. C. Z. . . Trabalho de teorização da prática diária. IN *Escrevendo e Aprendendo*. Brasília: Vivendo e Aprendendo, 1999. pp.37-42.
- PULINO, Lúcia H. C. Z.. Gestão democrática da instituição de educação infantil: a experiência da “Vivendo e Aprendendo”. *Em Aberto*. Vol. 18, no. 73. INEP/MEC: 2001. pp. 131-5. (2001 a)
- PULINO, Lúcia H. C. Z. . . Acolher a criança, educar a criança: uma reflexão. *Em Aberto*. Vol. 18, no. 73. INEP/MEC: 2001. pp. 29-40. (2001 b)
- PULINO, Lúcia H. C. Z. . .A Educação, o espaço e o tempo: hoje é amanhã? IN Borba, Siomara e Kohan, Walter. (orgs.). *Filosofia, aprendizagem, experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- PULINO, Lúcia H. C. Z. . . L’enfance, le temps et la philosophie: quelques réflexions. *Anales des Troisièmes rencontres de la Sofphied. Colloque International*. Paris,França: 26 e 27 junho de 2009.
- PULINO, Lúcia H. C. Z.. Filosofia, Pedagogia e Psicologia: A formação de professores e a ética do cuidado de si. IN Kohan, Walter. *Devir criança da Filosofia, Infância da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010c. pp. 153 -164.
- PULINO, Lúcia H. C. Z.. *Vivendo e Aprendendo, patrimônio imaterial do DF* – Discurso proferido na Câmara Legislativa do DF, Comissão Geral, em 31/10/2010 (a).
- PULINO, Lúcia H. C. Z.. *Cidade e subjetividades: Educação, Memória e Cultura – Vivendo e Aprendendo em Brasília*. Anais do V Simpósio Nacional de História Cultural - Brasília 50 anos: Ler e Ver - Paisagens Subjetivas, Paisagens Sociais. Brasília, DF, 2010 (b).
- VYGOTSKY, A formação social da mente. S.P.: Martins Fontes, 1991.